propósito explícito de apresentar uma visão otimista. Na verdade, o livro comprova o enorme abismo entre os propósitos tão bem formulados pela ONU e a dura realidade das brasileiras. Depois de lê-lo, concluo que a superação dos problemas depende de uma politização maior da ação e do pensamento ambientalistas descritos no livro. Nesse sentido, ainda não superamos o pioneiro trabalho dos participantes do Centro de Estudos Ecológicos de Santos, que, em *Ecologia e Sociedade* (São Paulo: Edições Loyola,1978) afirmavam: "o que se pretende não é um sistema que se acomode às pressões ecológicas, mas uma revolução econômica, social, cultural, que vá abolir a sede insaciável pelo lucro e a exploração do homem pelo homem e, conseqüentemente, instaurar uma nova relação entre homens, a coletividade e a natureza". (p. 299)

Vinte anos depois, a única modificação que eu faria a esse texto seria especificar que a nova relação entre os homens deve incluir a nova relação entre homens e mulheres.

MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES ■

O pânico ocidental face ao idêntico

Les Deux Soeurs et Leur Mère.

HÉRITIER, Françoise.

Paris: Editions Odile Jacob, 1994.

Inceste.

HÉRITIER, F. et alii.

Paris: Editions Odile Jacob, 1995.

Masculin/Feminin (La pensée de la difference).

HÉRITIER, Françoise.

Paris: Editions Odile Jacob, 1996.

Ao pensar na influência das teorias francesas sobre os estudos de gênero no Brasil é possível observar que são particularmente três disciplinas - Sociologia, Teoria Literária e História Social - as que mais têm influenciado a produção brasileira neste campo.

Na Sociologia conhecemos a significativa produção na área da Sociologia do Trabalho produzida pelo GEDISST[1] da qual a saudosa Bete Lobo foi uma das principais divulgadoras no Brasil. Na área da produção em Teoria Literária conhecemos, curiosamente através da leitura das feministas pós-estruturalistas norte-americanas, a obra das francesas Hélène Cixoux, Luce Iragaray e Julia Kristeva. São, no entanto, os trabalhos franceses da área de História Social os que têm tido maior repercussão no Brasil. Muitos deles desenvolvidos em torno da orientação de Michelle Perrot[2] que editou, entre outras obras, a coleção *História das Mulheres*[3]. Por diferentes razões, entre elas a particularidade da Antropologia Francesa de privilegiar o estudo de sociedades tribais (em detrimento das sociedades ocidentais contemporâneas), a reflexão antropológica francesa no campo de gênero é bem menos conhecida e utilizada no Brasil.

Os últimos três livros de Françoise Héritier[4] podem reverter esse quadro, pois trazem uma significativa contribuição estruturalista para os estudos de gênero no campo das teorias antropológicas, contribuindo para o debate no interior da disciplina sobre os invariantes culturais e sobre os **universais** da condição humana[5].

[1] Groupe d'Etudes sur la Division Sociale et Sexuelle du Travail, ligado ao CNRS, sediado nó IRESCO.

[2] Na Universidade de Paris 7 (Jussieu).

[3] Traduzida em português pelas Edições Afrontamento de Porto (Portugal).

[4] Françoise Héritier é uma antropóloga engajada em diferentes lutas sociais contemporâneas, fazendo parte de inúmeras comissões e instituições, entre elas, o Conselho Nacional Francês sobre AIDS e a Academia Internacional das Culturas em Defesa dos Direitos Humanos

[5] Héritier, detém um lugar de grande prestígio no

No primeiro livro, intitulado *As Duas Irmãs e sua Mãe*, Héritier desenvolve um novo conceito, que ela intitula de **incesto de segundo tipo**. Conceito que busca ampliar as reflexões antropológicas sobre o interdito do incesto, que segundo a lição clássica de Levi-Strauss é a regra universal que permite a emergência da cultura, pois obriga todos os indivíduos a buscarem parceiros fora do grupo de parentesco consangüíneo. O incesto, segundo as teorias clássicas, é a interdição de relação sexual entre dois indivíduos que são considerados parentes. O conceito de incesto de segundo tipo sugere que há incesto em outras situações. Por exemplo, quando duas pessoas que são consideradas consangüíneas (segundo as leis de parentesco de determinada sociedade) mantêm, ambas, relações sexuais com uma terceira pessoa, elas estariam cometendo um incesto de segundo tipo. Isto porque a relação sexual produz um vínculo simbólico entre todos os indivíduos que compartilham sexualmente do mesmo parceiro, configurando-se portanto em incesto. Esta situação, que não é considerada incestuosa pelas teorias clássicas do parentesco, é percebida por muitas culturas como problemática e perturbadora das relações sociais.

Para desenvolver esta teoria, Héritier fundamenta-se na universalidade da centralidade dos fluidos corporais como sangue, saliva, leite e esperma, fluidos essenciais na configuração de identidades pessoais e grupais. Quando ocorrem relações de incesto de segundo tipo, no corpo do amante comum, realiza-se o contato entre fluidos corporais, como esperma e sangue, produzindo simbolicamente o incesto proibido. Para ilustrar seu argumento a autora dá exemplos colhidos em sua vasta etnografia africana mas também inspira-se nas relações triangulares abordadas na literatura ocidental. Longe de se configurar num conceito pertinente apenas a situações etnográficas tribais, o incesto de segundo tipo serve para analisar, no meu entender, questões com que muitas de nós vêm se defrontando em nossas pesquisas na sociedade brasileira contemporânea, como inúmeras relações afetivas que a literatura e o senso comum entendem como relações triangulares ou de infidelidade conjugal.

O segundo livro de Françoise Héritier, *Sobre o Incesto*, é uma coletânea de artigos de profissionais de diversas áreas que refletem sobre suas práticas profissionais a partir da teoria de incesto de segundo tipo proposta em seu livro anterior. Boris Cyrulnik - neuropsiquiatra e etólogo - conhecido por suas pesquisas no campo das emoções humanas, compara comportamentos humanos e animais no que diz respeito ao que consideramos incesto. Dominique Vrignaud, juiz de menores, descreve seis processos de incesto e reflete sobre as contradições do código penal francês no que se refere à regulamentação das relações incestuosas. O artigo do pediatra Aldo Naouri[6] está centrado em dados empíricos colhidos em sua longa prática profissional, sobre as dificuldades da incorporação do pai na díade mãe/filho na cultura urbana das classes médias parisienses. Todos estes artigos me parecem de grande utilidade para aqueles que vêm pensando no Brasil, não apenas sobre parentesco, mas sobretudo sobre a violência nas relações pai/filha. No plano teórico creio que a contribuição da antropóloga grega Margarita Xanthakou é a mais interessante da coletânea, pois nos remete ao mito de Édipo, que serviu de base à teoria freudiana da constituição do sujeito, nos fazendo repensá-lo sob um novo ângulo. Quem já pensou que a origem do complexo de Édipo poderia estar vinculada não apenas ao incesto de Édipo com Jocasta mas também ao fato que tanto Laio quanto Édipo mantinham relações sexuais com um mesmo rapaz? A análise de Xanthakou amplia a interpretação corrente do mito que se vincula ao incesto consangüíneo mãe/filho incorporando a relação incestuosa de segundo tipo entre pai/filho.

Partindo da contribuição fundamental de dois pensadores do século XX, Freud e Levi-Strauss, a problemática do incesto parecia até recentemente uma questão já dada sobre a qual não havia grande coisa a acrescentar. Este livro, no entanto, nos mostra que o incesto está sendo permanentemente reatualizado socialmente, tanto no campo das representações culturais contemporâneas (no cinema, nas novelas, na televisão e na literatura) quanto no campo das violações de direitos humanos de crianças, particularmente de meninas, em todo o planeta.

O terceiro e mais recente livro de Françoise Héritier, *Masculino, Feminino* (O pensamento da diferença) é composto por diferentes artigos onde ela se debruça sobre os mais variados significados das relações de gênero em diferen-

---

campo acadêmico francês, pois é a herdeira de Claude Levi-Strauss na catedra de Antropologia Social do Collège de France.

[6] Renomado pediatra e psicanalista, que acaba de publicar um instigante livro sobre a relação mãe/filha - *Les Filles et Leurs Mères*. Paris: Ed. Odile Jacob, 1998.

tes culturas, particularmente em sociedades tribais africanas. O livro se compõe de diferentes capítulos que abordam a centralidade dos fluidos corporais (sangue, esperma, leite materno), essenciais para a construção simbólica do gênero em diferentes culturas, assim como do parentesco, do celibato, da fecundidade, a esterilidade e as novas tecnologias de reprodução. São vários artigos que já haviam sido publicados anteriormente. Apesar da insistência da autora tanto no capítulo inicial quanto no final sobre a universalidade da opressão feminina para todas as situações de vida das mulheres, que ela chama de **valência diferencial dos sexos**, seu texto nos permite justamente visualizar o contrário. Ou seja, que pela riqueza com a qual diferentes grupos humanos simbolizam a diferença sexual é possível pensar na diversidade de experiências sociais de relações homem/mulher e não exclusivamente em relações de dominação quando se tratam dessas relações nos espaços do privado e da família. É claro que sua teoria da valência diferencial dos sexos continua sendo central para a análise das relações entre homens e mulheres que se estabelecem no campo das relações políticas mais globais, nas quais estão incluídas as relações estruturais de parentesco.

Me parece particularmente instigante a reflexão que Héritier faz do significado do sangue e do esperma em diferentes culturas para pensar, como ela já propôs em outro lugar[7], sobre as insolúveis dificuldades da prevenção da AIDS, uma vez que é uma doença que se transmite principalmente por estes dois líquidos simbolicamente estruturantes das relações sociais. Sua reflexão sobre a problemática da reprodução também nos aponta para a universalidade da culpa da mulher quando não há reprodução, mostrando que mesmo com a descoberta da esterilidade masculina e com as novas tecnologias de reprodução ainda é um tabu designar um homem infértil.

Uma outra interessante questão teórica abordada pela autora diz respeito às teorias da alteridade em diferentes culturas, centradas na dicotomia igual/diferente. Ao pensar na questão do valor **igual** para as sociedades ocidentais, ela formula a hipótese de que são sociedades que temem o **acúmulo de iguais**. Esta hipótese nos faz pensar nas representações negativas que temos no Ocidente das relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo, e das diferentes teorias que foram construídas em torno da homossexualidade como "perversão", "doença" ou "desvio" ao longo da modernização ocidental.

Nestes três livros Françoise Héritier desenvolve uma visão estruturalista que parte do ponto de vista feminista sobre a problemática da diferença sexual. Dos três, creio que é em *Les Deux Soeurs et Leur Mère* que sua teoria está mais claramente formulada. No entanto, é *Masculin/Feminin* que me parece o livro indispensável para o campo de estudos de gênero, pois é nele que a autora aborda com mais exemplos retirados de seu vasto conhecimento etnográfico de como se dá a valência diferencial dos sexos. Não me parece que seja por acaso que este livro tenha se tornado referência básica no campo de pesquisas sobre gênero na França, servindo a pesquisadoras das mais variadas disciplinas. Espero, sinceramente, que o livro seja traduzido em breve, trazendo um contraponto às inúmeras traduções feitas nos últimos anos de autoras pós-estruturalistas norte-americanas, que criticam o estruturalismo francês sem o conhecerem verdadeiramente, particularmente na sua versão feminista.

MIRIAM PILLAR GROSSI ■

[7] Ver a este respeito entrevista com Françoise Héritier, *Boletim da Associação Brasileira de Antropologia*, março de 1992.

A tradição ou a felicidade?

Sonhos de Transgressão.

MERNISSI, Fatima.

São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.

Sonhos de Transgressão, de Fatima Mernissi, conta a história de uma menina em um harém no Marrocos, durante a ocupação francesa na década de 40. A autora é a própria protagonista do livro, uma mistura de autobiografia e conto inspirado num dos mais famosos livros de história, *As Mil e uma Noites*.